

Capítulo 4

Thésis

[ou das coisas que se propõem ...]

4.1. A nova relevância de um fenômeno antigo

4.2. O *campo de possibilidades* na comunicação da informação

“A ciência, de modo porventura mais evidente do que o que se verifica em qualquer outro campo, é uma dança que cria, no sentido em que é a sua visão de si própria que plasma aquilo que constitui os objectos e as explicações válidas.”²⁰²

4.1. A nova relevância de um fenômeno antigo

Como esperamos ter demonstrado, na sociedade contemporânea é amplamente reconhecido o valor do conhecimento científico para a produção econômica e social. Em decorrência, a informação associada a esse conhecimento adquiriu um *valor*, na medida das possibilidades de sua utilização pelos grupos sociais que vivem em um meio cultural intensivo de novas tecnologias de informação e comunicação.

Ao longo do processo de desenvolvimento da ciência como principal forma de conhecimento sobre o mundo, uma área científica específica emergiu,

“... não por causa de um fenômeno específico que existia antes e que veio a se tornar seu objeto de estudo — mas por causa da necessidade de abordar um problema que mudara completamente sua relevância para a sociedade”.²⁰³

A área de atuação dessa nova ciência se definiria, assim, a partir da *função social* de facilitar a comunicação de mensagens entre um emissor e um receptor humanos. Isso implicou na inserção do seu objeto de estudo no domínio dos fenômenos da comunicação social, em particular a

²⁰² VARELA, F., 1995 p.7

²⁰³ WERSIG, G; NEVELING, U., 1975

comunicação entre uma fonte emissora de mensagens contendo conhecimento científico capaz de promover mudanças nas estruturas cognitivas de um receptor.

Nesse sentido, e a partir dessa perspectiva, Belkin e Robertson propõem o termo *estrutura*, compreendida como uma forma geral de organização, para definir o fenômeno de interesse para a ciência da informação, o qual seria

“... o texto e sua estrutura [organização] e as atividades e mecanismos que alteram [mutuamente] as estruturas-da-imagem [do conhecimento de si mesmo e do mundo] entre emissor e receptor”²⁰⁴,

propondo como seus conceitos básicos

“... um texto, [que] é um conjunto de signos organizados por um emissor com a intenção de mudar a estrutura-da-imagem de um receptor;

[e uma] informação, [a qual] é a estrutura de qualquer texto [que] é capaz de modificar a estrutura-da-imagem de um receptor, ...

[sem esquecer] a área de maior interesse para os cientistas da informação no passado e no presente, [qual seja, a dos] canais ou meios de comunicação”.²⁰⁵

Nessa perspectiva, no processo de comunicação a *informação* contida em um *texto organizado* por um emissor com o *propósito* de transformar as *estruturas cognitivas* de um receptor, inter-age com essas estruturas de modo a assegurar a compreensão do sentido da mensagem que lhe está sendo enviada. E enquanto processo de comunicação, esse fenômeno ocorre com-e-nos indivíduos e sociedades humanas, sejam elas neolíticas ou pós-modernas. Em uns e outras, é no contexto social que os

²⁰⁴ BELKIN, N.J.; ROBERTSON, S. E., 1976, p.201

²⁰⁵ BELKIN, N.J.; ROBERTSON, S. E., idem, p.202

seres humanos tecem as categorias e formas de expressão da cultura, como um fio que pode começar num mito ou num enunciado científico.

Vista dessa forma, a *informação* contém a *possibilidade* do conhecimento necessário à ação dos grupos e indivíduos na sociedade²⁰⁶. Nas palavras de Barreto,

“... Deixa de ser, unicamente, uma medida de organização por redução de incerteza, para ser a própria organização em si.”²⁰⁷ ...

[Mas a informação] só possui poder de ação quando adquire a condição de mensagem, com intenção específica e assimilação possível. ...

Discursos de informação não traduzidos e não assimilados formam excedentes nos estoques em poder dos produtores, excedentes estes que não criam riqueza em forma de conhecimento e conduzem apenas a um elevado custo social.”²⁰⁸

Nesse sentido, vale lembrar Goldmann quando diz que, mesmo mediatizada pela parafernália das tecnologias da informação da sociedade contemporânea, a comunicação de mensagens supõe um emissor e um receptor humanos e “sabemos que sua consciência não pode deixar ‘passar’ qualquer coisa de qualquer modo”²⁰⁹. É assim que, vivendo em uma sociedade que estende a teia de sua rede aos quatro cantos do mundo, os cientistas da informação devem acrescentar à reconhecida função de “mediadores”²¹⁰ a de “facilitadores” da comunicação do conhecimento.

Pois nas civilizações que antecederam a sociedade capitalista, caracterizada pela ocorrência da revolução científica, a necessidade de conhecimento excedia a oferta e os custos de produção da informação eram

²⁰⁶ WERSIG, G., 1993 *apud* FREIRE, I.M., 1995

²⁰⁷ BARRETO, A. de A., 1996

²⁰⁸ BARRETO, A. de A., 1994

²⁰⁹ GOLDMANN, L., 1970

²¹⁰ WERSIG, G., 1970

excessivamente altos. A situação atual é que a oferta excede a demanda: o desafio é distribuir o conhecimento de modo a fazê-lo chegar a um receptor que dele necessita como “fundamento para uma ação racional”²¹¹. Nesse sentido, mais do que organizar e processar o conhecimento científico, como antes dos primórdios da ciência da informação, será importante prover seu acesso público através das mais diversas formas e dos mais diversos canais de comunicação, de maneira que essa nova *força de produção social* possa estar ao alcance dos seus usuários potenciais.

Nesse contexto, torna-se evidente que, na sociedade do conhecimento que se avizinha, a ciência conservará e, mais ainda, reforçará sua relevância para o desenvolvimento das forças produtivas, independentemente das formas de governo adotadas nas diversas nações da sociedade globalizada. Pois as diferenças criadas pela divisão internacional do trabalho entre os países industrializados e em industrialização, passam, doravante, a tomar como base o grau de utilização do conhecimento científico e das tecnologias de informação no sistema produtivo. E, devido à concentração maciça desse *saber* nos países industrializados, a situação de desigualdade em relação aos países em industrialização certamente virá a se ampliar, num futuro próximo.

A esse respeito, é significativa a metáfora proposta pelo Banco Mundial, em seu Relatório 1998-1999, quando diz que

“O conhecimento é como a luz. Imponderável e intangível, viaja facilmente pelo mundo, iluminando as vidas de milhares de pessoas em todo o mundo. No entanto, bilhões de pessoas ainda vivem na escuridão da pobreza – desnecessariamente.”²¹²

E porque

²¹¹ WERSIG, G., 1993

²¹² World Bank, 1998

“... conhecimento é o coração do crescimento econômico e desenvolvimento sustentado, compreender como pessoas e sociedades o adquirem e usam — e porque algumas vezes falham ao fazê-lo — é essencial para melhorar a vida das pessoas, especialmente a vida dos pobres.”²¹³

O Relatório sugere três lições que considera importantes para o bem estar das pessoas em qualquer sociedade, mas que têm implicações, particularmente, para os habitantes dos países em industrialização:

“... instituir políticas capazes de diminuir as lacunas de conhecimento que separam os países pobres dos países ricos.

... governos, instituições multilaterais, organizações não-governamentais, e o setor privado devem trabalhar juntas — para se fortalecerem as instituições necessitam administrar os problemas de informação que causam falhas tanto no mercado quanto no governo.

... não importa quão eficientes sejam esses esforços conjuntos, problemas com conhecimento persistirão. Mas o reconhecimento de que o conhecimento está no centro dos nossos esforços para o desenvolvimento permitirá a descoberta de soluções inesperadas para problemas aparentemente impossíveis de resolver.”²¹⁴

Nesse cenário real de desigualdade, cresce a *responsabilidade social* dos profissionais da informação, tanto como produtores de conhecimento no campo científico quanto como *facilitadores* na transferência do conhecimento científico para usuários que dele necessitem, independentemente dos espaços sociais onde vivem e dos papéis que desempenham no sistema produtivo. Pois embora a informação sempre tenha sido uma poderosa força de transformação, o capital, a tecnologia, a multiplicação dos meios de comunicação de massa e sua influência na socialização dos indivíduos deram uma nova dimensão a esse potencial. Com isso, crescem as possibilidades de serem criados instrumentos para transferência efetiva da informação e do conhecimento, de modo a apoiar as atividades que fazem

²¹³ Banco Mundial, *idem*

²¹⁴ Banco Mundial, *idem*

parte do próprio núcleo de transformação da sociedade. O que nos leva a concordar com Araújo quando diz que,

“... se a informação é a mais poderosa força de transformação do homem [o] poder da informação, aliado aos modernos meios de comunicação de massa, tem capacidade ilimitada de transformar culturalmente o homem, a sociedade e a própria humanidade como um todo”.²¹⁵

Parece-nos, assim, que na sociedade do conhecimento, caberá aos trabalhadores da informação esse papel de *facilitadores da comunicação do conhecimento*, aproximando produtores e usuários da informação, de modo que os recursos disponíveis sejam utilizados por todos que deles necessitam. E podem iniciar considerando a possibilidade teórica e metodológica da existência de um *campo de comunicação entre emissores e receptores*, com seus limites e possibilidades. Essa visão pode significar não somente um novo olhar sobre conceitos e tecnologias disponíveis no campo científico. Pode se traduzir, também, no desenvolvimento de estratégias para uma prática profissional que se aproxime, o mais possível, das pessoas e grupos nos quais a informação que produzimos se manifesta como possibilidade de conhecimento.

“Pois, se não pudermos conseguir que os trabalhadores da informação e cientistas sejam cientes de sua função social como mediadores ativos entre produtores e receptores de dados (e não apenas colecionadores de documentos), as atividades de informação nunca alcançarão um estado onde possam realmente diminuir as distorções da comunicação científica e tecnológica.”²¹⁶

²¹⁵ ARAUJO, V.M.R.H. de., 1994

²¹⁶ WERSIG, G., 1975, p.175-176

*“Os filósofos contentaram-se em interpretar o mundo:
é tempo de transformá-lo.”²¹⁷*

4.2. O *campo de possibilidades* na comunicação da informação

Como vimos, Wersig propõe para a ciência da informação uma estratégia metodológica que envolva a interação com construtos e modelos de outras áreas científicas. Adotando seu modelo de “rede conceitual” como um tear metodológico, trabalhamos as *formas de expressão do conhecimento científico* enquanto *estruturas* que transformam e são transformadas, no processo de produção e comunicação social. Para Wersig, esse conhecimento tem se transformado historicamente, mas sempre no sentido de representar alguma *informação* que apoie uma ação dentro de uma situação específica, diminuindo a incerteza sobre o comportamento do sistema em sua interação com o meio ambiente.

Nesse contexto, a *estrutura significativa* de Goldmann se transmuta na *estrutura significante* de Barreto e a proposição de Wersig e Neveling pode ser vista tanto como evento da consciência possível no campo científico quanto como uma proposição para enredar a ação dos cientistas da informação numa visão de mundo socialista. Pois os autores foram além dos limites impostos pelo quadro teórico original, quando reconhecem que a necessidade de informação permeia todos os grupos sociais e não somente aqueles diretamente ligados à produção de bens e serviços.

²¹⁷ MARX, K., *apud* GOLDMANN, L., 1979 (b), p.53

Eles antevêm, dessa forma, a contingência da informação na sociedade capitalista no início do século XXI — de um lado, atividade reificada em produtos e serviços; de outro, fenômeno de transmissão de alta cultura, com seu valor de uso para a continuidade da evolução da sociedade humana. Nesse sentido, afirmamos que o enunciado de Wersig e Neveling transpõe os limites da consciência real do campo científico, representada pela abordagem soviética em 1975, colocando-se claramente como uma expressão coerente e adequada de uma visão de mundo [consciência possível]. Dessa forma, criam um *campo de possibilidades para comunicação da informação* revelando, por um lado, o caráter contraditório das relações humanas na sociedade capitalista, mas, por outro, vislumbrando os sinais de uma humanidade socialista.

Isso posto, consideramos que nosso exercício, que se iniciou com uma aposta no valor atribuído por Goldmann ao conceito de consciência possível confirmou-o, terminando por nos revelar, também, uma conexão *invisível* entre a metáfora do *pássaro-tecelão* de Wersig e a do *tecelão de tapetes*, de Ginzburg. Pois se na primeira caberia à ciência da informação elaborar sistemas de navegação conceitual, na segunda lhe estaria reservado o *ofício de tear de tecer tapetes de significados*.

Assim, com nossa pesquisa, esperamos não somente ter comprovado uma hipótese, quando mostramos que a ciência da informação, desde os primórdios da construção do seu campo, já dispunha de referencial teórico que possibilitava um olhar crítico sobre os problemas da informação — ou seja, havia um nível de consciência possível para essa visão. Mas, em especial, esperamos estar contribuindo para ampliar, no campo científico, as possibilidades de uso da proposição de Wersig e Neveling como fundamento teórico à práxis dos cientistas da informação.

Posfácio

*“Renda-se como eu me rendi
Mergulhe no que você não conhece
Como eu mergulhei.*

*“Não se preocupe em ‘entender’
Viver ultrapassa todo o entendimento.”*

CLARICE LISPECTOR